

V. 9, N. 4, OUT./DEZ. 2019

Ana Cláudia Rossetto Silva
Universidade de Marília (UNIMAR)
Doutoranda em Direito -
UNIMAR, Brasil
✉ anarossetto@gmail.com

Carlos Francisco Bitencourt Jorge
Universidade de Marília (UNIMAR)
Pós-Doutor/Doutor em Ciência da
Informação - UNESP, Brasil
✉ bitencourt@gmail.com

Murilo Henrique Ravanholi Zanotto
Universidade de Marília (UNIMAR)
Bacharel em Administração -
UNIMAR, Brasil
✉ ravanholi@outlook.com

Daniel Forli Santos
Universidade de Marília (UNIMAR)
Bacharel em Administração -
UNIMAR, Brasil
✉ danielforlisantos@hotmail.com

Gabriel Mota Valgas Locatelli
Universidade de Marília (UNIMAR)
Bacharel em Administração -
UNIMAR, Brasil
✉ locatelli.gabriel@outlook.com

ARTIGO

Editor
Alfredo Passos
profdrpassos@gmail.com

Como referenciar - ABNT
Revista Inteligência Competitiva, v.
9, n. 4, p.1-14, out./dez. 2019

© Atelie Brasil
Rua Pe. Guilherme Pompeu, nº1,
Centro- Santana de Parnaíba
06501-055 - São Paulo - Brasil

A IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA SUSTENTABILIDADE: UMA INOVAÇÃO PARA MAIOR COMPETITIVIDADE NAS DIRETRIZES DE GESTÃO DE RISCO

THE IMPORTANCE OF INFORMATION IN THE CONTEXT OF SUSTAINABILITY: AN INNOVATION FOR INCREASED COMPETITIVENESS IN RISK MANAGEMENT GUIDELINES

Resumo: A informação deve ser tratada como recurso no contexto da Sustentabilidade e na gestão de riscos, sendo vista como estratégica e fundamental para as organizações. Por meio de levantamento bibliográfico, esta afirmação foi reforçada, uma vez que a informação e sua gestão é tratada como crucial para as organizações, sendo esse recurso insumo desde o processo de comunicação até as tomadas de decisões. Evidenciou-se que a gestão desse recurso é muitas vezes precária nas organizações, e com isso, afeta atividades estratégicas, em especial aquelas que necessitam demonstrar ações sustentáveis e a gestão de riscos. Nesse sentido o uso da gestão da informação atrelado com o gerenciamento de riscos no contexto da sustentabilidade pode gerar inúmeros ganhos para as organizações, afinal, a informação pode ser elo responsável por ligar todos os processos e construir inúmeros indicadores para as organizações, sendo estes indicadores imprescindíveis para as organizações nesse novo cenário de desenvolvimento sustentável. O presente artigo realizou o método exploratório e, utilizou pesquisas bibliográficas para capturar informações sobre sustentabilidade, gestão de riscos e da informação enquanto recurso, bem como a sua gestão. Dessa maneira, foi realizada a construção da integração da sustentabilidade, gestão da informação com a gestão de riscos, possibilitando assim uma melhor compreensão do papel das informações como recurso estratégico para as organizações que monitoram e analisam riscos no contexto da sustentabilidade.

Palavras-chave: Informações; Sustentabilidade; Gerenciamento de Risco; Inovação.

Abstract: The information should be treated as a resource in the context of sustainability and risk management, and is seen as strategic and fundamental for organizations. Through a bibliographic survey, this statement was reinforced, since information and its management is treated as crucial for organizations, and this resource is the input from the communication process to decision making. It was evidenced that the management of this resource is often precarious in organizations, and as such, it affects strategic activities, especially those that need to demonstrate sustainable actions and risk management. In this sense the use of information management coupled with risk management in the context of sustainability can generate numerous gains for organizations, after all, information can be the link responsible for

linking all processes and building numerous indicators for organizations, these indicators being essential for organizations in this new scenario of sustainable development. The present article performed the exploratory method and used bibliographic research to capture information about sustainability, risk management and information as a resource, as well as its management. Thus, the integration of sustainability, information management and risk management was built, thus enabling a better understanding of the role of information as a strategic resource for organizations that monitor and analyze risks in the context of sustainability.

Keywords: Information; Sustainability; Risk management; Innovation.

I INTRODUÇÃO

Recentemente, durante a execução e monitoramento de projetos, acidentes com expressivo impacto ambiental e social, colocaram novamente a sustentabilidade e o risco como temas a serem discutidos. Com isso, gerou-se a necessidade de uma análise com enfoque na sustentabilidade juntamente com o gerenciamento de seus riscos e informações atreladas a estes temas.

Ao pensarmos em informação, devemos compreender a informação enquanto recurso, bem como esta é construída e gerida e muitas vezes transformadas em conhecimentos. Para uma organização ser autossustentável, ela necessita do máximo de informações e conhecimento das mais diversas áreas que atuar. Índices, estatísticas, previsões e análises serão fundamentais para as tomadas de decisões, e para seu gerenciamento dos riscos e oportunidades envolvidos em cada um de seus processos.

Nesse sentido, torna-se importante compreender como as informações podem ser utilizadas de maneira inovadora como recursos no contexto da gestão de risco. Com isso, compreender a sustentabilidade enquanto processo, bem como as informações podem atuar de maneira inovadora e estratégica nesse cenário é ponto de partida da presente pesquisa.

2 A SUSTENTABILIDADE E SEUS MÚLTIPLOS CONCEITOS E PRÁTICAS NO CONTEXTO DA SOCIEDADE E SEU IMPACTO NAS ORGANIZAÇÕES

Ao mencionar desenvolvimento sustentável, é importante ressaltar que muitos autores utilizam o termo em diferentes aplicações. O desenvolvimento sustentável é utilizado para designar a expectativa de que o país entre numa fase de crescimento que se mantenha ao longo do tempo, fazendo com que o desenvolvimento pressuponha a expansão econômica permanente, gerando melhoria nos indicadores sociais, além da preservação ambiental (ALTENFELDER, 2004).

Nesse sentido, podemos compreender que a sustentabilidade é a capacidade de se auto sustentar. Uma atividade sustentável é aquela que pode ser mantida por um longo período de tempo, de forma a não se esgotar os recursos, apesar dos imprevistos que podem vir a ocorrer durante este período.

Pode-se ampliar o conceito de sustentabilidade ao considerarmos o contexto da sociedade. Esse contexto trata a sustentabilidade como responsável por não coloca em risco os recursos naturais como o ar, a água, o solo e a vida vegetal e animal dos quais a vida da sociedade depende (PHILIPPI, 2001).

É importante destacar que muitos sujeitos acreditam que falar de sustentabilidade é o mesmo que falar de meio ambiente. Não devemos restringir a sustentabilidade na dimensão do meio ambiente, afinal, a sustentabilidade está muito além de cuidar das questões ambientais do planeta, é saber agregar vantagem competitiva em suas ações, resultando assim no bem-estar da geração presente e ao mesmo tempo preocupando-se com uma melhor qualidade de vida para as gerações futuras.

Nesse sentido, devemos compreender o tripé da sustentabilidade, muito trabalhado pelas organizações e os pesquisadores. O tripé trata-se de uma ferramenta conceitual e útil para interpretar as interações fora do

contexto das organizações, e especialmente para ilustrar a importância de uma visão da sustentabilidade mais ampla, indo além de uma mera sustentabilidade econômica (Araújo, et al., 2006).

Para a sustentabilidade, Sachs (2000) elenca cinco dimensões: econômica, ecológica, espacial, social e cultural. Para um projeto ser economicamente viável é preciso que o mesmo possua uma fonte de financiamento ou outro meio oneroso que custeie a ação econômica. Os recursos naturais devem ser consumidos em uma escala que não leve à degradação do meio ambiente.

O meio ecológico, em um sistema sustentável, é tratado de forma que não seja deteriorado e que não obtenha acúmulo de resíduos. Em geral, a sustentabilidade é associada ao equilíbrio entre o social, o ambiental e o econômico (CASAGRANDE, 2004). Segundo Coral (2002), o modelo de sustentabilidade empresarial é baseado em três componentes:

- ✓ Sustentabilidade econômica: que significa gerar uma vantagem competitiva, com foco no mercado, na qualidade e no custo, agindo dessa forma nos resultados que promovem estratégias de negócios;
- ✓ Sustentabilidade ambiental: sendo o uso de tecnologias limpas, renováveis e da reciclagem, com a utilização sustentável de recursos naturais com atendimento a legislação, principalmente no tratamento de efluentes e resíduos, além de optar por produtos ecologicamente corretos, amenizando significativamente os impactos ambientais, e;
- ✓ Sustentabilidade social' sendo o suporte no crescimento da comunidade, com total compromisso com o desenvolvimento dos recursos humanos, além da promoção e participação da organização em projetos de cunho social.

Nesse sentido a presente reflexão aborda o contexto das práticas sociais, sendo este, marcado pela degradação permanente do meio ambiente e do seu ecossistema. Com isso, é possível perceber que existe a necessidade de articular a produção de sentidos sobre a educação ambiental. A dimensão ambiental configura-se crescentemente como uma questão que envolve um conjunto de atores do universo educativo, potencializando o engajamento dos diversos sistemas de conhecimento, a capacitação de profissionais e a comunidade universitária numa perspectiva interdisciplinar (JACOBI, 2003).

A partir da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental realizada em 1977, inicia-se um amplo processo em nível global orientado para criar as condições que formem uma nova consciência sobre o valor da natureza e para reorientar a produção de conhecimento baseada nos métodos da interdisciplinaridade e nos princípios da complexidade em volta da sustentabilidade. Esse campo educativo tem sido fertilizado transversalmente, e isto tem possibilitado a realização de experiências concretas de educação ambiental de forma criativa e inovadora por diversos segmentos da população e em diversos níveis de formação (SORRENTINO, 1998).

Com isso, a preocupação com o desenvolvimento sustentável representa a possibilidade de garantir mudanças sociopolíticas que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que proporcionam sustentação para as comunidades. Observa-se a complexidade desse processo na transformação de um planeta, não apenas crescentemente ameaçado, mas também diretamente afetado pelos riscos socioambientais e seus danos, sendo

estes, cada vez mais percebido pela sociedade. A concepção 'sociedade de risco', de Beck (1992), amplia a compreensão de um cenário marcado por nova lógica de distribuição dos riscos.

Para Jacobi (2003), o tema da sustentabilidade confronta-se com o paradigma da 'sociedade de risco'. Isso implica a necessidade de multiplicarem práticas sociais baseadas no fortalecimento do direito ao acesso à informação e à educação ambiental em uma perspectiva integradora. Além disso, também demanda aumentar o poder das iniciativas baseadas na premissa de que um maior acesso à informação e transparência na administração dos problemas ambientais urbanos pode implicar a reorganização do poder e da autoridade.

Dessa maneira, fica nítido que trata-se de promover o crescimento da consciência ambiental, expandindo assim a possibilidade da população em participar em um nível mais alto no processo decisório, e com dessa forma, fortalecer sua corresponsabilidade na fiscalização e no controle dos agentes de degradação ambiental. Observa-se que a preocupação quanto a sustentabilidade extrapola questões do meio ambiente, trazendo à tona uma percepção do todo, sendo este todo composto por várias organizações.

2.1 SUSTENTABILIDADE NO CONTEXTO DAS ORGANIZAÇÕES

Com os avanços tecnológicos advindos pós revolução industrial, alinhado ao crescente aumento da população, as atividades humanas passaram a causar uma maior quantidade de impacto no meio ambiente. Observa-se que, o que durante muito tempo muitas fontes foram vistas como fonte inexaurível de recursos para servir às necessidades do homem, agora passam a ser uma inquietação, ou seja, a sociedade compreendeu que os recursos são limitados. (Araújo, 2006).

Para Pereira, et al. (2012), a abordagem quanto as questões ambientais nas organizações vêm ganhando importância crescente desde a década de 1970, momento em que os consumidores passaram a desenvolverem uma maior consciência ambiental, cobrando assim, uma postura similar das indústrias de bens de consumo e serviços. Outra preocupação da sociedade consiste na volumosa camada da população mundial que sofre com a pobreza, fome e exclusão social.

Em contrapartida, as empresas procuram resultados financeiros, ampliação de fatias de mercado, sobrevivência e manutenção de sua competitividade e, por meio da globalização da economia houve o acirramento da competição das organizações. Com isso, essas organizações elevaram a sua escala de produção e, conseqüentemente, a busca da redução dos custos. Diante desse panorama as organizações passaram a se reestruturar para se adequarem a esta nova percepção dos consumidores e dinâmica organizacional. As pressões sociais e restrições impostas fazem com que as organizações busquem formas de reduzir seu impacto ambiental e a melhorar sua imagem frente aos seus consumidores, construindo assim a sua responsabilidade social (CORAL, 2002).

Ao encontro de Coral (2002), Donaire (2011) menciona que as organizações devem ter responsabilidade socioambiental e, ao assumirem essa postura, acabam ganhando uma melhor imagem institucional, o que pode resultar em um número maior de consumidores, mais vendas, melhores colaboradores, melhores fornecedores, maior facilidade e acesso ao mercado de capitais, entre outras coisas.

Sendo assim, a maximização do lucro deve ser vista por essas organizações como um processo de longo prazo. Em curto prazo o comprometimento com problemas sociais pode resultar num lucro menor, e também em condições mais favoráveis de lucro e sobrevivência da organização no futuro.

Em suma, pode-se afirmar que o envolvimento das organizações com questões socioambientais pode transformar-se numa oportunidade de negócios, contribuindo para a melhoria de qualidade de vida dos stakeholders e na sustentabilidade dos recursos naturais. A preocupação de muitas organizações com o problema da poluição, tem feito com que elas reavaliem o processo produtivo, buscando a obtenção de tecnologias limpas e o reaproveitamento dos resíduos. Consequentemente tem propiciado grandes economias, que não teriam sido obtidas se elas não tivessem focado esse problema (Claro et al., 2008).

Destaca-se que uma das preocupações da sustentabilidade no contexto das organizações, consiste no desenvolvimento da gestão de riscos. Para tanto, torna-se fundamental compreender essa gestão, bem como os componentes que estão inseridos na mesma.

3 GESTÃO DE RISCOS

A gestão de riscos tornou-se importante para as organizações, e isso não apenas para evitar riscos como desastres ambientais e sociais, mas também para obter informações importantes e evitar ou mitigar riscos econômicos, operacionais, legais, de imagem ou orçamentários. Para Schuyler (2001) 'risco' é o efeito acumulativo da probabilidade de incerteza que pode afetar positivamente (oportunidade) ou negativamente (ameaça) o projeto.

Nesse contexto podemos compreender dois tipos de riscos, o positivo, que nos provém oportunidades, e os negativos, que nos traz ameaças. Com isso, Galway (2004), menciona que, em vez de buscar respostas para a pergunta, 'O que é uma boa análise de riscos?', buscando responder o que os usuários do projeto esperam do gerenciamento de riscos. A resposta foi óbvia, os usuários esperam por precisão (análise qualitativa - probabilidade) e auxílio no processo decisório.

Para alcançar a precisão necessária e auxiliar nas tomadas de decisões, deve-se compreender as diferenças entre analisar processos e projetos. O gerenciamento de um processo trata de atividades que se repetem ao longo do tempo, de modo que pode ser estudado baseando-se em históricos. Entretanto, em projetos, a base de estudos possui uma quantidade bem menor de fatos e dados, se comparado aos processos, estando, desta maneira, exposto a vários riscos desconhecidos (SCHMITZ, et al., 2006).

Dessa maneira, podemos compreender que o gerenciamento de riscos de um processo deve ser preferencialmente, abordado com uma análise quantitativa. Por outro lado, o gerenciamento de projetos deve ser analisado com um referencial qualitativo voltado para análise de riscos

Rovai (2005) afirma, que muitos projetos no Brasil, senão a quase a sua totalidade, são desenvolvidos sem que haja o adequado uso de metodologias e/ou modelos de gerenciamento de risco, o que tem causado inúmeras perdas financeiras e de outros recursos com intensidade e impacto variáveis, porém significativos. Podemos associar este problema ao famoso 'jeitinho brasileiro'.

Barbosa (2006) define o 'jeitinho' como 'forma especial' de se resolver algum problema ou situação difícil ou proibida; ou uma solução criativa para alguma emergência, seja sob a forma de burlar alguma regra ou norma preestabelecida, seja sob a forma de conciliação, esperteza ou habilidade. O autor ainda acrescenta mais uma característica essencial, o jeitinho precisa se mostrar efetivo a curto prazo.

Com o 'jeitinho', grande parte dos gestores das empresas brasileiras não se preocupam com a gestão de seus riscos, pois tem em mente que irão resolver esses problemas assim que eles se tornarem reais. Não se planejam, muito menos estudam o problema ou as oportunidades, e com isso acabam tendo grandes problemas, além de perderem grandes oportunidades.

Nakashima e Carvalho (2004) reforçam que nenhum especialista é capaz de prever todas as possibilidades. Deste modo, buscar informações em fontes seguras, externas ao grupo de gerenciamento, é fundamental na fase de identificação de riscos. Isto reforça a essencialidade de um bom plano de gerenciamento de riscos nas empresas. Existem inúmeras ferramentas que auxiliam o processo de identificação de riscos, dentre elas destacamos o Modelo de Gerenciamento de Riscos de Wideman e Haimes (1992), conforme pode ser observado no quadro 1.

Quadro 1: Modelo de gerenciamento de riscos.

Etapa	Descrição	Ferramentas
1. Planejamento do gerenciamento de riscos	Como abordar, planejar e executar as atividades de gerenciamento de risco de um projeto ou processo.	Análises e reuniões de planejamento
2. Identificação dos riscos	Determinação dos riscos que podem prejudicar o projeto, e documentação de suas características para conhecimento.	Revisões de documentação, coleta de informação, <i>brainstorming</i> , entrevistas, identificação da causa-raiz, análise de pontos fracos e fortes, análise SWOT, fluxogramas, influência.
3. Análise qualitativa dos riscos	Priorização dos riscos para análise ou outra ação provida de avaliação e combinação de sua probabilidade de ocorrência e impacto.	Avaliação da probabilidade e impacto dos riscos, avaliação da qualidade dos dados e informações sobre o risco, categorização de riscos, avaliação da urgência.
4. Análise quantitativa de riscos	Análise numérica do efeito dos riscos identificados no projeto.	Técnicas de representação e coleta de dados, entrevistas, distribuições de probabilidades, opinião especializada, análise de sensibilidade, análise da expectativa monetária, simulação.
5. Planejamento das respostas a riscos	Desenvolvimento de alternativas e ações para aumentar as oportunidades e reduzir as ameaças aos objetivos do projeto.	Para os riscos negativos: Prevenir, transferir ou mitigar. Para os riscos positivos: explorar, compartilhar, melhorar.
6. Monitoração e controle de riscos	Acompanhamento dos riscos identificados na 2ª etapa, monitoramento dos riscos residuais, identificação de novos riscos, execução de planos de respostas a riscos e avaliação de sua eficácia durante todo o ciclo de vida do projeto.	Reavaliação de riscos, auditorias, análises de tendências e variações, medição de desempenho técnico, análise das reservas, reuniões de rotina.

Fonte: Wideman e Haimes (1992).

O quadro acima possibilita identificar, acompanhar e monitorar os riscos por meio de uma análise sistematizada e por etapas fragmentadas do processo que está sendo analisado. Nesse sentido, o modelo descreve as etapas e possíveis ferramentas para uso. Ao analisarmos as ferramentas de Gestão de Riscos proposta por Wideman e Haimes (1992), observa-se a importância da informação enquanto recurso no contexto das organizações.

4 A INFORMAÇÃO E SUA GESTÃO ENQUANTO RECURSO ORGANIZACIONAL

Segundo Valentim (2008, p.18), a informação é “[...] ao mesmo tempo, objeto e fenômeno, visto que pode ser destacada e analisada por si mesma e, também, pode ser parte de um processo”. As organizações, ao realizarem os seus processos organizacionais, interagem de forma plena com informações afinal, a informação possui interação de maneira direta ou indireta com os processos.

Choo (2003, p.27) destaca essa relação e ressalta a falta de percepção, por parte dos gestores, no que tange a importância desses elementos para as organizações, nesse sentido a informação tido como, “[...] um componente intrínseco de quase tudo que uma organização faz. Sem uma compreensão dos processos organizacionais pelos quais a informação se transforma em percepção, conhecimento e ação”.

Druker (2000) vai ao encontro de Valentim (2008) e Choo (2003) e pontual a informação como importante componente organizacional, e considera a informação como um conjunto de dados que possuem algum significado. Podemos afirmar que ela essencial para os processos organizacionais, sendo notada na interação e comunicação entre colaboradores e nas atividades e/ou processos organizacionais.

Nesse sentido Davenport e Prusak (2003) falam que a informação é uma forma de comunicação na qual possui entendimento. Existe na conversação um emissor, um receptor e através da mensagem que será transmitida com o objetivo de alterar a interpretação do receptor, e para que isso aconteça é necessário que se tenha informação que será obtida pelos dados que fazem a diferença (Davenport & Prusak, 2003).

A definição do que é informação é complexa, sendo assim, se faz necessários compreender os limites, principalmente entre os dados e conhecimento. Os dados podem ser classificados como caracteres isolados e desprovidos de significado, já a informação é o dado dotado de contexto e relevância, sendo essa capaz de auxiliar o processo de tomada de decisão.

Compreendendo a informação como importante recurso dentro da organização e que precisa ser gerida, é o ponto de partida para o trabalho com a informação. A Informação enquanto recurso, é referida por Cautela e Polioni (1982), onde a mesma é considerada como o ingrediente básico do qual dependem os processos de decisão. Earl (2004, p.28) reforça a ideia do uso da informação como recurso responsável por apoiar a inovação e renovação no contexto organizacional:

[...] as mudanças foram associadas ao poder de geração de valor da informação, um recurso que pode ser reutilizado, compartilhado, distribuído ou trocado sem perda de valor; na verdade, o valor é, algumas vezes, multiplicado. E o fascínio que se tem hoje pela competição sobre ativos invisíveis é um indicativo que as pessoas agora

veem o conhecimento e sua relação com o capital intelectual como o recurso crítico, pois ele apoia a inovação e a renovação.

Ao realizar o processo de gestão da informação (GI), considerando a mesma como um recurso, as organizações devem administrar todos os elementos que compõem o ambiente informacional. Ponjuán Dante (2004, p.21) afirma que são: “[...] processos pelo qual se obtêm e se usam os recursos básicos (econômicos, físicos, humanos e materiais) para manejar a informação organizacional e para a sociedade a que serve”.

Essa ideia é complementada por Valentim (2007) ao citar a diferença entre adotar o modelo de gestão da informação (GI) e a adoção de tecnologias. A referida autora ressalta que muitos gestores de organizações acreditam que a implantação de uma tecnologia ou um conjunto de tecnologias que possuem a finalidade de agilizar as ações, os processos e as atividades informacionais, são suficientes para se realizar a GI, assim, ressalta que outros elementos são fundamentais para se implementar a GI como, por exemplo, a cultura organizacional, a cultura informacional, a comunicação organizacional, a comunicação informacional, a estrutura (formal e informal), a racionalização (fluxos e processos), as redes de relacionamentos, entre outros.

Wilson (2006, p.54), defende que a gestão da informação deve ser entendida como a:

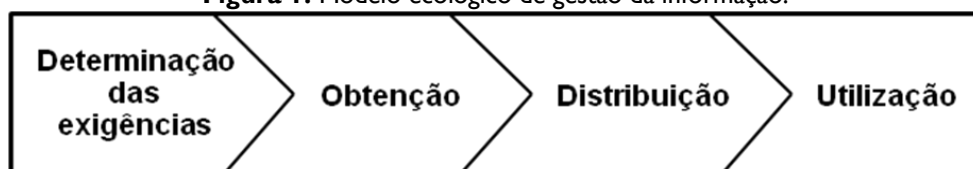
[...] gestão do ciclo de vida até o ponto da entrega da informação para o usuário. O que acontece depois depende de muitos fatores, tais como o clima organizacional, os sistemas de recompensa, a cultura organizacional e assim por diante – todos fora do controle do gestor da informação.

A aplicação da GI nas organizações está relacionada à implementação ou construção de um modelo de GI. É possível encontrar diversos modelos de GI na literatura, afinal, os modelos são construídos para atender as necessidades informacionais pontuais de organizações de segmentos distintos.

Com o uso desses modelos, torna-se possível utilizar a informação gerida como insumo na elaboração de estratégias, e no processo de tomada de decisão. As tomadas de decisão são beneficiadas pela informação, sendo assim, cabe a organização desenvolver estratégias e implantar processos que atuem não somente no ambiente interno das organizações.

Nesse sentido, Davenport e Prusak (2000) propõe um modelo conceitual de gestão da informação denominado de ‘ecologia da informação’. Esse modelo é composto de quatro tarefas, para o gerenciamento das informações: (1) Determinação das Exigências de informações; (2) Obtenção das informações; (3) Distribuição das informações e; (4) Utilização das informações.

Figura 1: Modelo ecológico de gestão da informação.



Fonte: Davenport e Prusak (1998, p.175).

O modelo conceitual de Davenport e Prusak (2000) foi considerado como base para a presente pesquisa. Observa-se que a gestão da informação torna-se fundamental para o monitoramento informacional do ambiente interno e externo. Dessa maneira, a gestão de riscos no contexto da sustentabilidade passa ser mais efetivo, ou seja, as organizações passam gerenciar os riscos considerando as informações do ambiente interno e externo.

5 METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo exploratório e, utilizou pesquisas bibliográficas para capturar informações sobre sustentabilidade, gestão de riscos e da informação enquanto recurso, bem como a sua gestão. Gil (2002), aponta que, a pesquisa bibliográfica deve ser

[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Ao final do levantamento das informações das temáticas mencionadas, estas foram analisadas e relacionadas. Com a relação dos temas foi possível realizar reflexões sobre a importância da gestão da informação no contexto da gestão de riscos para a sustentabilidade.

6 A GESTÃO DA INFORMAÇÃO ENQUANTO RECURSO ESTRATÉGICO PARA A GESTÃO DE RISCO NO CONTEXTO DA SUSTENTABILIDADE

Destaca-se que, o uso da informação pelas organizações perpassa por uma cultura que valorize esse recurso e proporcione estratégias, métodos e modelos estruturados para um melhor aproveitamento das informações enquanto recurso. Nesse sentido, estimular a cultura na valorização da informação, bem como o uso de ferramentas que trabalhem a informação no contexto da gestão de riscos devem estar alinhadas as estratégias das organizações para uma maior assertividade quanto ao uso da informação.

Dessa maneira, a integração das ferramentas de gestão de riscos e gestão da informação visando a efetividade e valorização quanto ao uso da informação pode proporcionar uma maior consistência quanto as estratégias de sustentabilidade. O mapeamento das informações no contexto da sustentabilidade do ambiente interno e externo possibilita um resgate rápido, subsidiando assim a Gestão da Informação.

Com esse mapeamento é possível potencializar as atividades de Gestão de Riscos (GR) afinal, a Gestão da Informação (GI) pode agilizar as etapas voltadas para a GR, uma vez que a GI passa a alimentar as etapas com informações estruturadas e consistentes para possíveis tomadas de decisões. Com o mapeamento informacional, torna-se possível reconhecer dentro e fora das organizações informações que podem proporcionar caminhos e ações que dão sustentação para as atividades de GR.

Observa-se que, existe o uso das informações nas atividades de Gestão de Riscos, mesmo não havendo a GI, porém muitas vezes o uso ocorre de maneira não estruturada e desintegradas e, normalmente em uma cultura que não considera a informação enquanto recurso estratégico no contexto da sustentabilidade. Com isso

essas organizações não tiram o máximo de proveito dos resultados do uso da informação, principalmente para as tomadas de decisões no contexto dos riscos.

A localização das informações, tanto formais quanto informais fazem com que, os processos de GR identifiquem e analisem as fontes informacionais, sendo que, estas fontes podem ser pessoas, documentos, base de dados entre outras, sendo estas capazes de fornecer importantes informações para o trabalho de gerir riscos. Após essa localização e mapeamento das informações a GI pode proporcionar uma melhor prospecção, seleção, tratamento, análise, armazenamento e monitoramentos das informações com o objetivo de desenvolver indicadores que auxiliem as tomadas de decisões no contexto da sustentabilidade para as organizações.

Dessa forma, torna-se possível a disseminação e mediação desses indicadores para tomadores de decisões responsáveis por construir modelos estratégicos de acordo com as condições dos índices apresentados, lembrando que estes índices podem afetar tanto o ambiente interno, quanto no ambiente externo das organizações no contexto da sustentabilidade. É possível constatar que as integrações dos processos mencionados podem proporcionar um melhor uso das informações pelas organizações, principalmente para aquelas organizações que tem como principal insumo as informações, como é o caso das organizações de capital aberto.

É importante ressaltar que é necessário desenvolver, ou em alguns casos reforçar nas organizações a cultura voltada para a valorização da informação. Com isso, torna-se possível uma maior sustentação para todos os processos e modelos desenvolvidos de Gestão de Riscos.

Nesse sentido observa-se que o sujeito responsável por gerenciar os riscos voltados para a sustentabilidade trabalha e usa a informação utilizando as atividades de GI o tempo todo, porém sem o uso estruturado de suas atividades, processos, ferramentas e, em muitos casos em uma organização que não valoriza a informação enquanto recurso. Após análise dos temas, evidencia-se que os mesmos devem ser considerados de maneira conjunta, uma vez que são componentes complementares e necessários para o sucesso destes.

7 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

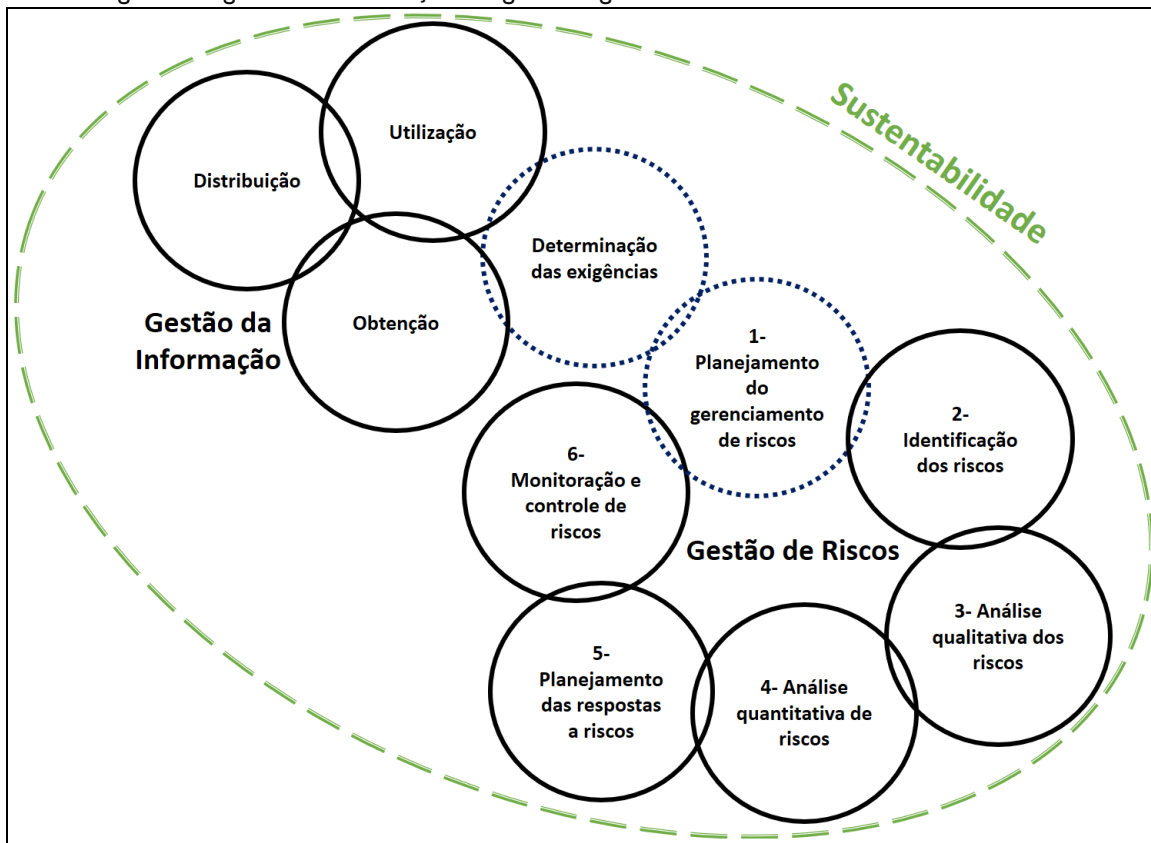
Os sujeitos que atuam na gestão de riscos atuam com a informação o tempo todo, afinal, conforme visto no modelo de gestão de riscos proposto por Wideman e Haines (1992), todas as suas etapas, são alimentadas por algum tipo de informação. Ao observarmos os ambientes em que a sustentabilidade permeia, é possível identificar que o mesmo é propenso a valorizar em sua cultura a informação, principalmente na gestão de riscos.

Ao encontro dessa afirmação, também foi possível identificar que os profissionais de sustentabilidade realizam os processos de prospecção e mapeamento de informações, conforme pode ser verificado nas ferramentas sugeridas no modelo de Gestão de Riscos da PMI, mesmo que de maneira não estruturada.

A presente pesquisa sugere que as atividades de gestão de riscos sejam integradas com a gestão da informação, conforme pode ser visualizado na figura 2. Nota-se que a gestão da informação pode proporcionar importantes informações no formato de indicadores de sustentabilidade, tanto do ambiente interno quanto do

ambiente externo para proporcionar para os sujeitos da gestão de riscos maior consistência na realização de suas etapas.

Figura 2: A gestão da informação integrada na gestão de riscos no contexto da sustentabilidade.



Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Todavia, para que esses sujeitos realizem o melhor uso da informação devem-se desenvolver uma cultura voltada para a valorização da informação enquanto recurso estratégico, bem como, apropriar de métodos, ferramentas e estratégias estruturadas que possibilitem o uso da informação de maneira plena.

Recomenda-se o aprofundamento das pesquisas no contexto da Gestão da Informação com enfoque na construção de indicadores para a gestão de risco no contexto da sustentabilidade. Dessa maneira, poderá ser possível a construção de modelos, ferramenta e métodos voltados para o desenvolvimento de produtos e serviços (relatórios, planilhas, entre outros) que possuam como insumo base as informações do contexto da sustentabilidade que alimenta o processo de gestão de riscos.

REFERÊNCIAS

ALTENFELDER, R. **Desenvolvimento sustentável**. Gazeta Mercantil, 2004.

Araújo, G. C., Bueno, P., Sousa, A. A., Mendonça, P. S. M. **Sustentabilidade empresarial: conceito e indicadores**. In: III CONGRESSO ONLINE DE ADMINISTRAÇÃO, **Anais[...]**. São Paulo. 2006.

BARBOSA, L. **O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros**. Elsevier. 2006.

CAUTELA, A. L.; POLIONI, F. **Sistemas de informação**. Livros científicos e técnicos. 1982.

CASAGRANDE JR, E. F. Inovação tecnológica e sustentabilidade: possíveis ferramentas para uma necessária interface. **Revista Educação & Tecnologia**, v. 8, 2004. Disponível em < <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1136/733>>. Acesso em: 9 set. 2019.

CLARO, P. B. O.; CLARO, D. P.; AMÂNCIO, R. Entendendo o conceito de sustentabilidade nas organizações. **RAUSP MANAGEMENT JOURNAL**, v.43 n.4, 2004. Disponível em: < <http://www.spell.org.br/documentos/ver/4417/entendendo-o-conceito-de-sustentabilidade-nas-o--->>. Acesso em: 19 set. 2019.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac São Paulo. 2003.

CORAL, E. **Modelo de planejamento estratégico para a sustentabilidade empresarial**. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – Santa Catarina. 2002. Disponível em < <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/82705> >. Acesso em: 19 set. 2019.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L.; WILSON, H. J. **What's the big idea?**: creating and capitalizing on the best management thinking. Harvard Business Press. 2003.

DAVENPORT, T. H. **Ecologia da informação**: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. Futura. 2000.

DONAIRE, D. **Gestão ambiental na empresa**. 2. ed.–15 reimpr. São Paulo: Atlas. 2011.

DRUCKER, P. **Além da revolução da informação**. HSM Management, v.18, n.1/2, 2000.

EARL, M. J. **Todo negócio diz respeito a informações**. In: DAVENPORT, T.; MARCHAND, D. A.; DICKSON, T. (Orgs.). Dominando a gestão da informação. Porto Alegre: Bookman. 2004.

GALWAY, L. **Quantitative risk analysis for project management**: a critical review. Retrieved December, v.13, 2004. Disponível em < https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/working_papers/2004/RAND_WRI12.pdf>. Acesso em: 11 set. 2019.

Gil, A. C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n.1, 18. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>>. Acesso em: 9 mai. 2019.

NAKASHIMA, D. T. V.; CARVALHO, M. M. Identificação de riscos em projetos de TI. In: Encontro nacional de engenharia de produção, Florianópolis – Santa Catarina. 2004.

Pereira, A. L., et al. M. Logística reversa e sustentabilidade. São Paulo: Cengage Learning. 2012.

PHILIPPI, L. S. A construção do desenvolvimento sustentável. LEITE, A. L. T. A; MININNI-MEDINA, N. Educação Ambiental (Curso básico à distância) Questões Ambientais–Conceitos, História, Problemas e Alternativa, 2001.

PONJUÁN DANTE, G. Gestión de la información: dimensiones e implementación para el éxito organizacional. Nuevo Parhadigma. 2004.

ROVAI, R. L. Modelo para gestão de riscos em projetos: estudo de múltiplos casos. 2005. Tese (Doutorado) - Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em <
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3136/tde-01092006-180244/pt-br.php>>. Acesso em: 9 ago. 2019.

SACHS, I. Caminhos para o desenvolvimento sustentável. Editora Garamond. 2000.

SCHMITZ, E. A.; ALENCAR, A. J.; VILLAR, C. B. Modelos qualitativos de análise de risco para projetos de tecnologia da informação. Brasport. 2006.

SCHUYLER, J. R. Risk and decision analysis in projects. Project Management Inst. 2001.

SORRENTINO, M.; DE TBILISI A. T. A educação ambiental no Brasil. In.: SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado do Meio Ambiente/Coordenadoria da Educação Ambiental. Educação, meio ambiente e cidadania. Reflexões e experiências. CASCINO, F., JACOBI, P., OLIVEIRA, JF (Orgs.). São Paulo. SP: SMA/CEAM. 1998.

VALENTIM, M. L. P. Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento em ambientes organizacionais. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v. 1, n. 1. 2008 Disponível em
<http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_ea77bd91aa_0007779.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2019.

_____. Processo de inteligência competitiva organizacional. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). Informação, conhecimento e inteligência organizacional. 2007. 2.ed. Marília: FUNDEPE Editora.

Valentim, M. L. P., & CERVANTES, B. O processo de inteligência competitiva em organizações. DataGramZero, Rio de Janeiro, 4(3), 2003. P. 1-23. Disponível em
<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2010/01/pdf_adba9839cd_0007501.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2019.

WIDEMAN, M., & HAIMES, Y. Project and Program Risk Management. A Guide to Managing Project Risk and Opportunities, Project Management Institute. 1992.

WILSON, T. D. A problemática da gestão do conhecimento. In: TARAPANOFF, K. (Org.). Inteligência, informação e conhecimento. Brasília: IBICT; UNESCO. 2006.